

**Plantas medicinais e a memória quilombola: saberes das mulheres do Quilombo de
Thiagos, município de Ribeirão do Largo – Bahia**

Priscila Silva de Figueiredo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: priscila.figueiredo@uesb.edu.br

Ana Paula Lima do Couto Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: aplcouto@uesb.edu.br

Rita Radl-Philipp
Universidade de Santiago de Compostela, Galiza, Espanha
Endereço eletrônico: ritam.radl@usc.es

141

Palavras-chave: Saberes tradicionais. Conhecimento das mulheres. Memória coletiva. Comunidades quilombolas

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas rurais vivem em estreita relação com o ambiente natural e as mulheres quilombolas, em especial, segundo Selma Dealdina (2020) têm um papel central na preservação das tradições e saberes locais, em especial, sobre o uso das plantas medicinais, estabelecendo vínculos de solidariedade e transmitindo experiências, sendo fundamentais para a memória coletiva comunitária.

As plantas medicinais podem ser definidas como espécies vegetais utilizadas com propósitos terapêuticos (WHO, 2003), podendo ser aproveitadas diversas partes das plantas (folha, casca, raiz etc.) com diferentes formas de uso como aluá, cataplasma, chá por infusão, inalação, lambedor etc. (Lorenzi; Matos, 2008). Esses saberes sobre plantas medicinais estão fortemente presentes em comunidades quilombolas.

A Bahia é o estado brasileiro com a maior população quilombola e o segundo com maior percentual populacional, sendo que 2,81% da população baiana se reconhecem como quilombola, segundo o Censo de 2022 (IBGE, 2022). Dentre as comunidades quilombolas

Realização:



Apoio:



baianas temos o “Quilombo de Thiagos”, localizado na zona rural do município de Ribeirão do Largo – Bahia, onde vivem diversas famílias que possuem entre si laços de consanguinidade, ancestralidade e compartilhamento de conhecimentos e de práticas socioculturais. Os saberes quilombolas evidenciam as contribuições das comunidades de ancestralidade afroindígena para a construção da cultura brasileira, compondo a memória coletiva das comunidades.

A memória coletiva pode ser compreendida como uma estrutura derivada de um grupo social, que funciona e está relacionada ao contexto social e cultural de uma coletividade (Halbwachs, 2006). Além disso, a memória como algo construído socialmente está atrelada em relações de poder, constituindo-se como objeto de disputa nos conflitos sociais (Pollak, 1989). A memória quilombola está permeada por estes conflitos e os saberes das mulheres tem sido, nesse contexto, historicamente invisibilizados.

Partindo dessas reflexões o presente trabalho visou sistematizar os saberes sobre as plantas medicinais das mulheres do Quilombo de Thiagos, situado no município de Ribeirão do Largo - Bahia, a partir de uma perspectiva da memória coletiva.

METODOLOGIA

O desenho da pesquisa repercutiu na adoção de uma modalidade metodológica de pesquisa empírica e de uma abordagem qualitativa. A pesquisa empírica se caracteriza por dados coletados em campo, no momento em que a ação ou fenômeno a ser estudado está ocorrendo (Johnson; Christensen, 2019). O método qualitativo, por sua vez, visa explorar e entender algum fenômeno experimentado por indivíduos em um local específico (Johnson; Christensen, 2019).

A pesquisa foi realizada na comunidade “Quilombo de Thiagos”, que obteve seu reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares em 2009 (BRASIL, 2022). A coleta de dados foi realizada em duas visitas a campo (03 a 10 de setembro de 2022 e 02 a 05 de setembro de 2023) em que foram realizadas estadias mais contínuas dentro da comunidade, por parte da primeira autora. Foram feitas observações-participantes, entrevistas com 17 mulheres e coleta de espécimes de plantas medicinais, seguindo as metodologias tradicionais de herborização botânica para posterior identificação.

Por fim, destacamos que a presente pesquisa é fruto das atividades de pesquisa da tese intitulada “Mulheres e as Plantas Medicinais: Memória e Etnobotânica na Comunidade ‘Quilombo de Thiagos’ de Ribeirão do Largo – Bahia”, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. O projeto da referida tese foi submetido ao Comitê de Ética na Pesquisa da UESB, tendo sua aprovação segundo parecer do relator, número 5.176.457 de 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas permitiram verificar que os saberes sobre plantas medicinais não são disseminados de maneira homogênea na comunidade. Ainda que o uso seja amplamente verificado - todas as mulheres relataram que faziam ou já fizeram o uso de plantas medicinais – varia em grande, média e pequena frequência. Algumas mulheres se destacaram sendo bastante citadas como grandes conhecedoras como Eliene A. e Helena.

As mulheres entrevistadas citaram 71 espécimes de plantas medicinais (sendo possível coletar 54 que foram levados para identificação). A erva cidreira (*Lippia alba* Mill.) foi a planta mais citada, sendo mencionada por 10 mulheres entrevistadas, seguida do Capim Santo, chamado também de Capim da Lapa, citado por 7 mulheres. Quanto aos tipos de usos, as mulheres citaram água saborizada (inclusão de folhas e flores em água gelada), banho de assento, banho, cataplasma, chá por decocção, infusão e maceração, combinação liquidificada, comestível, inalação, pó, sublingual, temperada e xarope/lambedor.

Dentre estes usos, cabe destacar que o chá por infusão foi citado por 100% das participantes, seguido do banho infantil (88%) e o xarope (82%) (7). Além disso, colocamos em evidência, ainda, que a Espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata* Prain) foi uma planta citada como proteção das casas. No que se refere às indicações, o uso para tratar sintomas da gripe, principalmente tosse (béquico) foi o mais citado, seguido de banho para controle da febre infantil (antitérmico) e para flatulência e distensão abdominal. De forma geral, as plantas medicinais citadas possuem atuação em diferentes sistemas do corpo humano, tais como respiratório, circulatório, muscular, nervoso, digestório, sensorial, endócrino, excretor, urinário, esquelético, reprodutor, imunológico e tegumentar.

Ainda que o uso de plantas medicinais seja bastante disseminado na comunidade, a memória das mulheres evidencia que esses conhecimentos e práticas têm tido ao longo dos anos um papel menos predominante, não estando mais presentes na comunidade como outrora. Por outro lado, foi possível verificar que existe um esforço principalmente por parte das mulheres, de manter viva a memória quilombola, inclusive sobre as plantas.

Do ponto de vista da memória, adotamos as contribuições de Halbwachs (2006) para afirmar com base nos resultados, que as plantas medicinais fazem parte do passado comum do grupo e que a memória sobre as plantas reforça a coesão social e é produto de um processo vinculado às demandas da atualidade, de valorização dos costumes e tradições como instrumentos para organizar a luta comunitária em prol de seus direitos. Assim como no trabalho de Facco (2020, p. 7):

Esses saberes são percebidos como recuperação de experiências vividas, acrescentadas de informações e renomeadas no presente pelas mulheres ou pelos grupos que os recebem, como parte da manutenção de sua cultura e de seus modos de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa sistematizou os saberes sobre as plantas medicinais das mulheres do Quilombo de Thiagos a partir de uma perspectiva da memória coletiva. Nesse sentido, analisamos os usos de 71 plantas medicinais citadas pelas entrevistadas. Os dados permitiram concluir que as plantas medicinais, circulam e participam do que podemos chamar de cuidado comunitário. Os saberes sobre plantas medicinais integram a memória coletiva na comunidade e circulam pela comunidade como uma forma de expressão do cuidado comunitário. Ou seja, os saberes sobre plantas medicinais não aparecem apenas como conteúdo da memória coletiva, mas como um mecanismo consciente de perpetuação do cuidado comunitário e da memória coletiva do grupo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Certificação Quilombola**. Certidões expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) publicada no Diário Oficial da União

Realização:



Apoio:



(DOU) de 20/01/2022. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551
Acesso em: 26 fev. 2022.

DEALDINA, Selma dos Santos. Apresentação. In: DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres Quilombolas:** territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Cerneiro: Jandaíra, p. 26-44, 2020.

FACCO, Salete Vedovatto. **Trabalho, educação e saberes:** experiências de mulheres Quilombolas em Porto Alegre/RS. 2020. 135f. Mestrado em Educação (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Porto Alegre: 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/218987> Acesso em: 25 jul. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2022.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=40667&t=acesso-ao-produto> Acesso em: 24 jun. 2024.

JOHNSON, R. Burke; CHRISTENSEN, Larry. **Educational research:** Quantitative, qualitative, and mixed approaches. SAGE Publications, Incorporated, 2019.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu; **Plantas Medicinais no Brasil:** nativas e exóticas. 2 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em: 24 jul. 2021.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Guidelines on Good Agricultural and Collection Practices (GACP) for Medicinal Plants.** Geneva, Suíza, 2003.